

*Porque, se a vida é breve tantas coisas buscamos? Para  
quê terras alheias  
Por outros sóis candentes? Quem da pátria  
Sai a si mesmo escapa?*

HORÁCIO — Odes, II, 16.  
(trad. de Jorge de Sena)

minha querida Riki, é deste país, sequestrado pela memória, que te conto os muitos etceteras e parêntesis, a pequena voz ensombrada de alguns desencontros; e embora me perturbe a futura justificação de vários factos, o que interessa é não ficar num canto ou numa esquina entregue à compaixão das pessoas: coitadinho, não tem ninguém no mundo, afinal tenho o teu nome longínquo, o outono de Agosto, às cinco horas vi-te pela última vez, nem era uma decoração de grande impostura, nem dissemos coisas importantes, nem eu as poderia dizer porque não sabia destes novos tempos de estar, nem se alguma vez chegariam; perguntaste-me: sempre vais com Jan? e eu abanei a cabeça, num assentimento, num vou, sujeito ainda às flutuações das circunstâncias, ao desejo de fugir aos pequenos hitleres que pressentia abrigados na minha sombra, às

idênticas palavras de todos os lábios, à dureza que se espalha pelas cidades e atinge o tempo; ignorava então que os movimentos só alcançam amanhã, que depois de amanhã é já muito longe, não há padrões para sonhar depois de amanhã, os ditadores não deixam,

aqui, de onde te escrevo, prédios e pessoas são translúcidos, levemente marinhos, e a atmosfera é de contágio, o momento: o subtilíssimo de sempre,

choro esta dor que não explode, se calhar já nem é dor, a memória das lutas passadas e medíocres a que me submeti, mais por medo e incerteza que por razões outras e tão nobres que hoje pudessem ser meus alicerces ou álibi; da prisão, soube a dos outros, na margem onde sempre estive e onde eles periodicamente chegavam para contar; desapareciam após as terríveis palavras, como se fossem para a dor e a aventura, escurecendo-me de sua partida, no íntimo da manhã de papel de lustro; eu vivia muito de palavras ciciadas, até que o pai de Fernando me telefonou e disse que o filho tinha sido preso pela pide, e que não sabia mais nada, e que ninguém sabia mais nada; quando pousei o auscultador, fui reler as tuas cartas e decidi partir, hoje, já me custa repor as caras na incisa ferida do passado, porque tenho um emprego porreiro no escritório do teu pai, traduzo umas circulares para o Rupert que me olha como seu futuro patrão e que às segundas-feiras se sente obrigado a perguntar-me: e Portugal? encolho os ombros, nada posso responder, o sábado passei-o num bar em Dürnstein e o domingo no jardim a aparar a relva e a arreliar o estúpido do Ramses,

minha querida Riki, amanhã que é isso? que pergunta que já não fazemos? e para quê?

o meu tempo: quotidiano cumprido no escritório, a programar o crescimento da sucursal da fiat em Halstatt, nas caras de

coisa nenhuma, no almoço de um quarto de hora, na tua voz: boa-tarde, na minha voz idêntica, e no silêncio que vem depois; o meu país é cada vez mais um projecto nocturno, um problema de insónia, um nome à procura de um mito, uma interrogação nas cartas sem resposta dos meus amigos; às vezes, o Rupert propõe um bridge para a noite, e jogamos em família a comoçãozinha habitual de Rose, as suas palavras tão suplicantes a pedir ao filho que a substitua, o movimento dos olhos de Jan para o meu silêncio: lábios fechados a país qualquer,

ele disse-me que eras um tipo formidável e eu perguntei-lhe porquê, se vocês estão sempre calados, e sabes o que me respondeu? que por isso mesmo, no barco, em Neusiedlsee, Jan chorou, debruçado na amurada,

estou bêbedo, até à mesa vim, agarrado à criada, boneca de louro e porcelana, de tranças, amas-me assim muito?  
rias,

estou fodido pela vida, o compromisso, arrimado à tua pátria de merda, todas as pátrias são de merda e por isso chafurdam no esterco pela arreata de um salvador, um qualquer gajo de bigode triangular,

berros, berros, querem-nos vocês, que não me engano, para se perfilarem à espera da matança, tão suaves em sedas e rendas de Viena ou de Viana, idênticas no folclore das saias e dos cabelos, enquanto nas catedrais da tão católica se reza um requiem pelos indiferenciados mortos: os da guerra, os da ordem, os do império,

tu, loura e louçã, nascida no após de doze anos, o que ouviste de horrores foi tão ligeiro que não sabes se doze ou cento e vinte: guerras, são todas iguais,

largue-me o braço, dizes,  
e sorris os dentes brancos da última estrela da Romy da Brigitte que emprestam as parcelas do seu corpo a luxes e caduns colgates oh  
estou bêbedo enfraquecido por estes corpos de mal-estar por onde vim, dançam e fodem na esperança de um amanhã que lhes vá chegando de vinte e quatro em vinte e quatro horas, e às mulheres acontece-lhes menstruar com regularidade, o grande estrago, e os homens aliviam os colhões com método e não sentem a opressão do amor,  
ouves-me?  
o hálito que cheiras é do Málaga e acorda o rude monstro ibérico: os caterpílares de franco, o sul e o sol, as prisões de sa-lazar mascaradas de capelas,  
largue-me o braço, dizes,  
o corpo segue os seus desígnios próprios,  
está bem, está bem, aquela é a minha mulher, e amamo-nos oh, temos o que convém da vida, aqui, e o que não convém discutimo-lo como pessoas educadas, emparedamo-lo ao sul na barbárie,  
retorno aos meses de inverno, ao schilling tão querido o assegurado futuro,  
larguei-te o braço e lesta explicas, a quem te quiser ouvir, que perdeste uns minutos com o mesmo de sempre: eu,  
por entre pares de mamas me balanço, na terceira pessoa do singular, até à minha querida mulher que limpa a morte com um lençinho de cambraia embebido em água-de-colónia, e, toda feliz na eternidade que lhe é consentida, abre a boca em mitra de galinha e caga esta pergunta:  
e se ele dissesse: sou Jan?  
ele, quem?  
o criado,  
não brinques, que de menos se foge,

ainda não, é tão cedo,

como se chama?

Jan,

ah, que lindo, o mundo,

os músicos distantes, arqueadas pernas

não me respondeste Rui,

a que pergunta?

não sei, não me lembro do que te perguntei nem me lembro de ti, olho-te e não me lembro, invadida pela pacata Escócia,

chamas sempre Escócia a este sítio, onde nas noites de sábado vivemos situações previsíveis: olhar o criado que vai acabar connosco na cama

vá, convida-o, não tenhas vergonha,

quer o faças quer não, amanhecerá sobre Halstatt, como acontece todos os dias, e mais uma vez reaprenderemos o nosso ódio, quando nos virmos nus e abandonados, recomeçaremos as palavras secas, os remorsos dos filhos que não tivemos, o cheiro alheio ao nosso cheiro. E Jan, como tudo o mais, estará condenado,

afasto-me para que faças o jogo do cigarro e do lume,

Rupert e a mulher dançam felizes, vêes como vivemos entre pessoas felizes? dançam e não sabem que durmo com o filho, e dizem que me confiam o filho, e que os putos agora são todos uns maricas, e eu repito: os putos agora são todos uns maricas, sorrio: é preciso dizer que sim? digo que sim, afinal Rupert fode a secretária Inge, e Rose, uma vez, em Lilienfeld, com uma bebedeira, recolhidamente, dormiu com Moos Graaf e ficou com a sua recordaçãozinha para o resto da vida, a voz de Riki: é uma putinha, é uma putinha,